

Cavalo-de-Pau

O desemprego bateu novo recorde na região metropolitana de São Paulo, segundo levantamento do Seade/Dieese. Em abril, a parcela desocupada da população economicamente ativa subiu para 20,6%, o que não acontecia desde 1985. O fato foi divulgado com alarde, mas, na verdade, nada tem de surpreendente. Em tempos de arrocho monetário e juros básicos de 26,5% ao ano, o resultado não poderia ser diferente. Talvez a taxa de desemprego oficial medida pelo IBGE seja inferior à do Dieese. Mas não importa. O vetor da economia brasileira é de baixa, com inevitáveis reflexos na atividade industrial e no nível de emprego.

Como disse o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, seu governo não teve alternativa a não ser adotar medidas amargas, com o objetivo de recompor os fundamentos da economia. Por força

das circunstâncias, o Banco Central vem praticando as taxas de juros do governo FH. Com a mesma franqueza, o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, negou que tenha dado "um cavalo-de-pau na economia". Foi necessário apertar o cinto face ao momento adverso: "Depois da crise que o Brasil viveu no ano passado, tínhamos que fazer um ajuste severo, sob pena de ter de fazer outro mais intenso durante anos ou talvez décadas".

O país continuará a conviver com dias de escassez. Esse cenário só vai mudar quando as reformas estruturais passarem no Congresso. Até lá, não haverá margem de manobra suficiente para abandonar o arrocho monetário e o contingenciamento do Orçamento. Aprovadas as reformas, surgirá a oportunidade para retomar o crescimento. As reformas, sim, exercerão o efeito de um cavalo-de-pau contra o desaquecimento da economia.